

Deus suicida?...



Leonardo Núñez de M Reis



“Ele estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu” (Jo 1, 10).

Ainda envolvidos pelas reflexões das últimas celebrações litúrgicas, em que celebramos a vida-morte-ressurreição de Jesus, poderíamos perguntar: Deus, já conhecendo o coração humano (muitas vezes, fechado em si, mesquinho, egoísta, não disposto a se abrir ao próximo verdadeiramente...), teria se encarnado para morrer na cruz? Seria, apenas, a morte de cruz, o único meio de salvação? Certamente, diversas respostas unilaterais e reducionistas podem ser formuladas, o que empobreceria tanto o valor da encarnação de Cristo, quanto o valor da sua morte.

Refletindo sobre este tema, vieram à minha mente algumas cenas, provavelmente, já presenciadas por você (ao vivo ou através dos meios de comunicação): a mãe de um assassino chorando pela prisão de seu filho; pais implorando para que seu filho preso em flagrante, cometendo uma ilegalidade, seja solto acreditando que ele não fará mais isso; pais recebendo de volta em sua casa um filho que brigou com eles e há meses estava fora de casa...

Não é intenção deste texto entrar no mérito da discussão do tipo de criação que esses pais deram a seus filhos, da superproteção ou falta de atenção familiar e nem emitir um juízo sobre esses casos. Os fatos foram tomados como exemplo para salientar um aspecto bastante interessante: **a visão dos pais sobre os filhos.**

Talvez deturpado, mas há algo diferente nos pais que conseguem olhar para seus filhos, mesmo sabendo e reconhecendo suas faltas e limitações, e enxergarem a esperança do verdadeiro arrependimento e de sua mudança de vida. Há algo forte, transcendente e inexplicável que move internamente esses pais: o verdadeiro amor.

Quantos pais não passam anos e mais anos de sua vida apostando, se esforçando, sofrendo e lutando juntos com seu filho para que ele vença seus vícios e fraquezas para ter uma vida nova, mais plena e feliz. Onde muitas pessoas já não vêem a menor possibilidade de mudança,

alguns pais continuam firmes e crentes na conversão. Nesta perspectiva, vamos mergulhar na vida-morte-ressurreição de Jesus. Certamente nenhum de nós, olhando a humanidade, se arriscaria em ir ao encontro dela num movimento de esvaziamento (*kenótico*), na esperança de sua mudança de vida, de sua conversão, de sua salvação. Mas Cristo, amando plenamente e conhecendo cada um de nós, com a maior profundidade, se encarnou. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14).

Desde de sempre, Cristo “apostou” na humanidade e, mais concretamente, na sua encarnação, e já se confirma essa aposta/amor salvífico de Deus. Onde nós não enxergaríamos saída, quando muitas vezes nem nós mesmos acreditamos mais em nossa própria mudança de vida, Deus está acima de nós, ao nosso lado e em nós, dando-nos a graça de sua força e apostando na nossa plenitude.

“Pode uma mulher esquecer-se do seu filho? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, Eu não te esqueceria nunca” (Is 49, 15). Foi por e nesse amor que Cristo se encarnou, levando até as últimas conseqüências a sua aposta na humanidade. Foi em cada instante de sua vida, da concepção a morte de cruz, que Deus apostou em cada um de nós. A todo o momento, os gestos, ações e palavras de Cristo foram salvíficos, ou seja, restabeleciam a plenitude de nossas relações, de nossas vidas, além de nos mostrar concretamente como deveríamos viver, tendo Ele como modelo, mestre e servidor.

De fato, a cruz e a ressurreição são cruciais no processo salvífico assumido por Deus, mas reduzir o evento histórico Jesus Cristo, acentuando apenas sua morte de Cruz de forma determinística, é não acreditar na aposta feita por Ele. É não acreditar na humanidade. É não acreditar na salvação. Pois, somente nos esvaziando e estando aberto a ação da graça de Deus, indo ao seu encontro e ao encontro do próximo; somente tendo a coragem de fazer a mesma aposta que Cristo faz pela humanidade, vivendo a mesma disponibilidade de desprendimento-serviço de Jesus, é que estaremos possibilitando a construção do Reino de Deus e caminhando para a vida eterna.

